

Questões culturais e o combate às uniões prematuras

BARTOLOMEU JUDAS

EXISTE um movimento intenso tendente a combater as uniões prematuras, ou seja, o adiar da união de menores na constituição de uma família.

Trata-se de um tema actual que suscita vários debates mas com todos a convergir na necessidade de combate a esta tendência que se tornou um mal.

As razões evocadas são várias, dentre elas o próprio desenvolvimento físico, sobretudo da rapariga, cujo organismo não está preparado para a união prematura em que o impacto imediato é a gravidez precoce.

São várias as organizações na dianteira do combate a este mal, cujas acções são levadas a cabo com o envolvimento dos líderes comunitários. Entretanto, apontam-se algumas práticas culturais como sendo as que incentivam este tipo de união, a pobreza, entre outros factores.

Por isso, há que reflectir seriamente sobre os ritos de iniciação. Os ritos de iniciação que preparam o rapaz e a rapariga para a vida adulta. Sendo assim, após os ritos, eles já estão preparados, sob ponto de vista psicológico e cultural, para serem pais.

Em contrapartida, o Governo e parceiros os aconselham a estudar, a preparar o seu futuro e adiar o casamento para mais tarde. Adiar o sexo para mais tarde e pensar somente em se formar e emprestar o seu saber para os vários sectores de actividade.

Quer me parecer que esta toda informação ou conselho acaba por baralhar os rapazes e raparigas, sendo que as uniões prematuras e gravidezes precoces continuam, numa altura em que até nas escolas existem locais de aconselhamento para esta camada. O que está a acontecer?

Sou de opinião que os ritos de iniciação deviam ser feito aos jovens, ou seja, com pelo menos 18 anos, por julgar que com essa idade a rapariga tem o seu organismo minimamente desenvolvido. Pois, quando os rapazes e rapari-

gas são preparados na adolescência, me parece haver tendência de querer, logo a seguir, colocar em prática os ensinamentos. E os pais têm sido os primeiros a aguardar que algo mude nos filhos, nos próximos tempos.

Quanto a mim, julgo haver necessidade de harmonizar os ritos de iniciação com a maturidade dos rapazes e raparigas. Certamente que esta minha sugestão constitui um choque para os que seguem esta prática dos ritos de iniciação.

É que não me parece haver muitos avanços nesta matéria, não obstante no ano passado terem sido resgatadas muitas meninas de uniões forçadas. Mas, ao que tudo indica, trata-se de meninas que estavam unidas a pessoas adultas, com idade dos seus pais ou avós. Mas, encontramos as uniões prematuras entre rapazes e raparigas. São pessoas de tenra idade que ainda precisam de estar sob protecção e orientação dos pais.

Reconheço não ser um trabalho fácil, mas deve haver espaço para debate destas questões, pois o exemplo das fístulas, de modo particular em menores, é preocupante. O adiar de sonho de menores de idade por conta das uniões é também preocupante, sabido que ela tem um contributo a dar à sociedade quando bem preparada.

É frequente ouvir raparigas a lamentar a sua condição, tudo por causa de uniões forçadas que interromperam sonhos. Mas, este reconhecimento tem somente aquele que consegue ter alguém a lhe "abrir" os olhos.

Por este Moçambique ainda existem muitos menores que julgam que ser forçadas a casar não constitui nenhum problema, sobretudo quando se trata de satisfazer os desejos dos pais. Neste aspecto, o analfabetismo também é um aspecto a considerar. Como diz o ditado, "uma mulher educada vale por dois".

Vale a pena repensar nos ritos de iniciação. Aliás, os ritos têm o lado bom de educação sexual e consolidação das relações. Mas sou de opinião de que se deve fazer quando se entrar para a juventude.